

Tradições e saberes do povo do quilombo Jenipapo, Caxias – Maranhão

Traditions and knowledge of the people from the Jenipapo quilombola community, Caxias, Maranhão

Tradiciones y conocimientos de los habitantes del quilombo Jenipapo, Caxias, Maranhão

Recebido: 10/06/2022 | Revisado: 19/06/2022 | Aceito: 25/06/2022 | Publicado: 06/07/2022

Alyne Freire de Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0234-773X>

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: alynemelo@yahoo.com.br

Luciano Silva Figueiredo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6564-2720>

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

E-mail: lucfigueiredo@uol.com.br

José Rodrigues de Almeida Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9186-3140>

Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado do Piauí, Brasil

E-mail: almeidanebio@hotmail.com

Roseli Farias Melo de Barros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9767-5546>

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: rbarros@ufpi.edu.br

Resumo

As manifestações culturais de um grupo social, podem variar no tempo, no espaço e na forma como são apresentadas, sem que isso afete sua identidade. Diante disso, objetivou-se descrever as principais manifestações sociais e culturais da comunidade quilombola Jenipapo, no município de Caxias, estado do Maranhão. As etapas metodológicas seguidas foram: pesquisas bibliográfica, historiográfica e de campo, por meio de entrevistas por residências. A interfase da vivência cultural da comunidade quilombola Jenipapo, foi realizada pela observação participante. As principais manifestações culturais, foram expressas por diferentes tipos de danças: o tambor de Crioula, bumba meu boi, cantigas de roda, quadrilhas juninas e a dança do Lili, expressão folclórica que retrata a realidade da zona rural do município de Caxias. Crenças e superstições também fazem parte do imaginário e rotina do povo do quilombo Jenipapo e estão intimamente ligadas com as relações desses com a natureza. O respeito as fases da lua nas atividades cotidianas, fazem parte dessa cosmovisão, e os moradores mais idosos são os principais detentores desse conhecimento. Identificou-se que eles mantêm um respeito nas relações com o sagrado e santos da igreja católica, mas cultuam rituais de cura e benzimento, tendo obediências aos “seres da mata” e “entidades superiores” e pode-se afirmar, o desejo dos residentes em manter as tradições importantes, na cultura maranhense. Percebe-se que mesmo diante dos recursos tecnológicos que influenciam o modo de vida na comunidade quilombo Jenipapo, os atores sociais preservam suas tradições e perpetuam a cultura quilombola herdada dos seus antepassados escravizados.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional; Cosmovisão; Superstição; Cultura.

Abstract

The cultural manifestations of a social group can vary in time and space and in the way they are presented, without affecting its identity. The objective of this study was to describe the main social and cultural manifestations of the Jenipapo quilombola community, in the municipality of Caxias, state of Maranhão. The methodological stages were: bibliographic, historiographical and field research through interviews in households. The interface of the cultural experience of the Jenipapo quilombola community was carried out by participant observation. The main cultural manifestations were expressed by different types of dances: the “tambor de Crioula”, “bumba meu boi”, nursery rhymes, “quadrilhas juninas”, and the Lili’s dance, a folkloric expression that portrays the reality of the rural area of the municipality of Caxias. Beliefs and superstitions are also part of the imagination and routine of the people from the quilombo Jenipapo and are closely linked to their relationships with nature. Respecting the phases of the moon in everyday activities is part of this cosmo-vision, and the older residents are the main holders of this knowledge. It was identified that they maintain the respect in towards sacred aspects and saints of the Catholic Church, but they engage in healing and blessing rituals, paying obedience to the “beings of the forest” and “superior entities”. The desire of the residents in maintaining important cultural traditions of Maranhão is noticeable. Despite the technological resources that influence the way of life in the Jenipapo quilombola community, the social actors preserve their traditions and perpetuate the quilombola culture inherited from their enslaved ancestors.

Keywords: Traditional knowledge; Cosmo-vision; Superstition; Culture.

Resumen

Las manifestaciones culturales de un grupo social pueden variar en el tiempo, el espacio y en la forma en que se presentan, sin afectar su identidad. Por lo tanto, el objetivo fue describir las principales manifestaciones sociales y culturales de la comunidad quilombola Jenipapo, en el municipio de Caxías, estado de Maranhão. Los pasos metodológicos seguidos fueron: investigación bibliográfica, historiográfica y de campo, a través de entrevistas por residencias. La interfaz de la experiencia cultural de la comunidad quilombola de Jenipapo se realizó mediante la observación participante. Las principales manifestaciones culturales fueron expresadas por diferentes tipos de danzas: el “tambor de Crioula”, “bumba meu boi”, canciones de rueda, “quadrilhas juninas” y la danza de Lili, expresión folclórica que retrata la realidad del área rural del municipio de Caxías. Las creencias y supersticiones también forman parte del imaginario y la rutina de la gente del quilombo Jenipapo y están íntimamente ligadas a sus relaciones con la naturaleza. Respetar las fases de la luna en las actividades cotidianas es parte de esta cosmovisión, y las personas mayores son las principales poseedoras de este conocimiento. Se identificó que mantienen un respeto en las relaciones con los sagrados y santos de la Iglesia Católica, pero practican rituales de cura y bendición, mostrando obediencia a los “seres del bosque” y “entidades superiores” y también el deseo de los residentes de mantener importantes tradiciones en la cultura de Maranhão. Aún frente a los recursos tecnológicos que influyen en el modo de vida de la comunidad quilombola de Jenipapo, los actores sociales conservan sus tradiciones y perpetúan la cultura quilombola heredada de sus ancestros esclavizados.

Palabras clave: Conocimiento tradicional; Cosmovisión; Superstición; Cultura.

1. Introdução

A existência e importância de grupos sociais dentro de uma sociedade compreende o *ethos*, que advém de *colere*, originalmente trabalhado no sentido de trabalho, mas que reflète a educação, a polidez e a civilidade do indivíduo (Leff, 2000).

Na concepção de Cunha (2009) as manifestações culturais poderão variar no tempo e no espaço e na forma como são apresentadas, sem que isso afete a identidade do grupo, nessa perspectiva a cultura se perpetua como algo essencialmente dinâmico e permanentemente reelaborado. Nesse contexto, pode-se afirmar que a sociedade produz a cultura, e é por ela produzida, simultaneamente, por meio de práticas culturais reveladoras das características de quem as produziu (Morais et al., 2015).

A cultura é responsável pela forma como administramos a nossa relação com a natureza, pois a depender da valorização e dos significados criados em comunidade, esta pode ser conservada ou não. Sua dicotomia com a natureza, alvo de pesquisas das Ciências, é fonte de debates dentro e fora da academia, todavia a cultura emana da natureza, e verdadeiramente essas duas dimensões estão associadas entre si, e é formada por três aspectos, que compõem o saber e os costumes locais: o primeiro são as crenças, o segundo se refere ao conjunto de conhecimentos e o último são as práticas produtivas (Toledo & Barrera-Bossols, 2009).

Berkes et al., (1994), afirmaram que grande parte da biodiversidade do mundo está nas mãos de povos tradicionais, sociedades de caçadores e coletores, pastores, pescadores, agricultores, há muitas gerações. Para Albuquerque e Andrade (2002), é visível, o grande papel que as populações humanas desempenham, quanto a utilização dos ambientes naturais, no fornecimento de informações sobre as diferentes formas de manejo realizadas no seu cotidiano e a maneira como usufruem da exploração dos recursos naturais para o seu sustento, sendo tais informações indispensáveis para os planos de manejo e conservação local.

Em pleno século XXI, somente os grupos mais articulados organizacionalmente, têm se beneficiado do título de comunidade remanescente de quilombo, nesse sentido, destaca-se que o estado do Maranhão, onde o número de comunidades remanescentes de quilombo é bastante significativo. Segundo dados da Fundação Cultural Palmares (FCP, 2022), o estado ocupa o primeiro lugar do Brasil, em número de comunidades remanescentes de quilombo, com 845 no total, ficando o estado da Bahia em segundo lugar com 829 comunidades. Entretanto, nestas culturas, ainda se pode sentir a necessidade de manutenção das tradições milenares que são herança cultural dos antigos escravos trazidos arbitrariamente da África, os traços herdados da cultura europeia e os ritos adquiridos com a convivência com outros povos e com o advento da tecnologia.

A bio e a sociodiversidade são também protegidas pelo sistema jurídico interno, pois tanto as comunidades indígenas, como as comunidades negras remanescentes de quilombos gozam de direitos territoriais e culturais especiais, assegurados constitucionalmente. A Carta Magna brasileira protege ainda as “manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (art. 215, par.1º), bem como a “diversidade e a integridade do patrimônio genético do país” (art.225, par.1º, II).

Diante disso, nossa problemática baseia-se em indagações sobre contexto vigente em relação as vivências do povo quilombola do Jenipapo, no que diz respeito às suas manifestações socioculturais como crenças, mitos, rituais e tradições incorporadas das antigas gerações, uma vez que os quilombolas maranhenses, mantêm as tradições culturais adquiridas dos seus antepassados e incorporam outras práticas contemporâneas à sua cultura cotidiana. Para tanto, objetivou-se, descrever as principais manifestações sociais e culturais da comunidade quilombola Jenipapo, no município de Caxias, estado do Maranhão e especificamente analisar como essas manifestações, influenciam no cotidiano dos atores sociais, além de identificar arranjos cosmológicos, baseados na simbologia quilombola e que se perpetuam na comunidade.

2. Metodologia

2.1 Aspectos éticos e legais

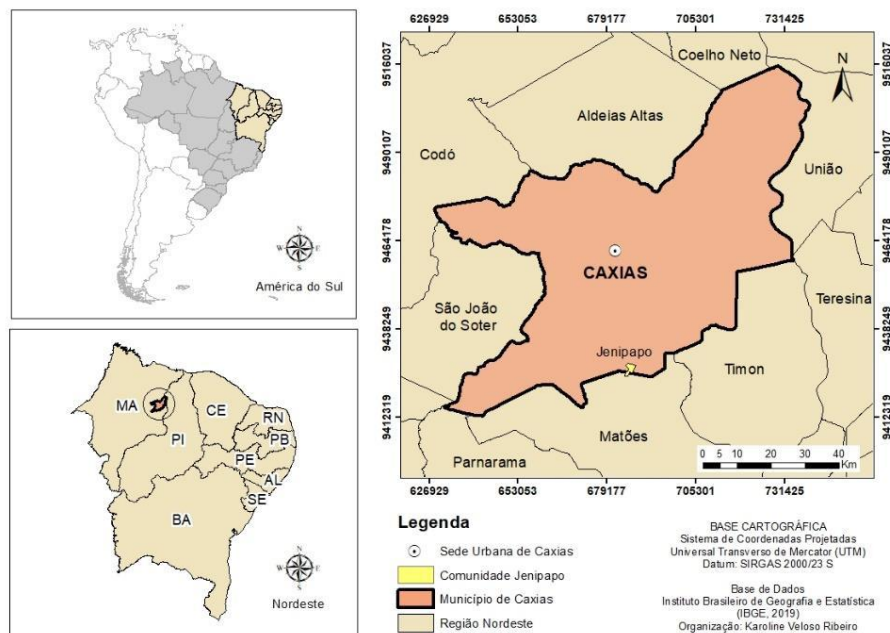
A pesquisa encontra-se aprovada e consubstanciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP_UFPI), sob o número de Parecer: 3.773.89 e no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado, Cadastro nº AF21A5F. Antes de cada entrevista solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), preconizado pela resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

2.2 Descrição da área de estudo

Em 1/11/2002 o Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (ITERMA) regularizou os 580,5242 hectares para os quilombolas da comunidade Jenipapo em no município de Caxias, e transformou a área em assentamento do Estado. Posteriormente, ocorreu a certificação em comunidade remanescente de quilombo, realizada pela Fundação Cultural Palmares (Portaria Nº 87/2014, de 31/07/2014). A comunidade é dividida em Jenipapo 1 e 2, a 14 km do povoado Baú, distante 40 km da sede do município (Figura 1), configurando-se como a primeira oficialmente certificada em Caxias.

O município de Caxias do Maranhão é a quinto maior do Estado, com área de 5.196,771 km², e uma população estimada de 166.159 habitantes (IBGE, 2021). Está situado na mesorregião do Leste Maranhense, estabelece limites com os municípios de Aldeias Altas, Coelho Neto, São João do Sóter, Codó, Matões, Parnarama e Timon.

Figura 1: Localização da comunidade Quilombo Jenipapo, município de Caxias - MA



Fonte: IBGE (2019), modificado por Karoline Veloso Ribeiro em 2020.

2.3 Observação participante

Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica para aporte teórico acerca dos conceitos inerentes à cultura e suas ramificações em quilombos e outras comunidades tradicionais, pesquisa historiográfica contemplando as origens e as características do quilombo Jenipapo e pesquisa de campo, por meio de entrevistas junto aos quilombolas mantenedores das residências.

Trata-se de uma pesquisa de campo do tipo descritiva, exploratória com abordagem qualitativa de dados sobre a percepção de quilombolas sobre as tradições, crenças e superstições, inerentes ao seu passado e presente. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), essa modalidade visa conseguir informações sobre determinado problema ou com a finalidade de procurar respostas de uma determinada hipótese, a fim de obter informações sobre novos fenômenos ou alguma relação sobre eles.

O estudo foi realizado comunidade remanescente de Quilombo Jenipapo, município de Caxias, estado do Maranhão, entre os anos de 2018 e 2021, por meio do método de entrevistas por residência, definido por Begossi et al. (2009). Para início do processo metodológico, foi aplicada a técnica do *Rapport* (Bernard, 1988), como forma de adquirir familiarização e confiança com os membros da comunidade.

A interfase da vivência cultural da comunidade quilombola Jenipapo, foi realizada pela observação participante (Malinowski, 1978). Para tanto, foram realizadas participações em todos os eventos cotidianos da mesma: reuniões mensais da associação de moradores, cultos religiosos, colheitas em diferentes épocas de sazonalidade, plantio de várias culturas em diferentes territórios, reuniões políticas de cunho eleitoral, planejamento escolar e festividades de 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Os resultados obtidos, foram registrados em diários de campo e nos próprios formulários semiestruturados, para a descrição qualitativa das ações e informações repassadas ao pesquisador-observador, pelos atores sociais.

3. Resultados e Discussão

3.1 Experiências vividas, histórias contadas e patrimônio cultural

Os achados desse artigo tratam sobre as crenças, superstições e tradições, do povo quilombola do Jenipapo, que por meio da perpetuação de suas práticas e vivências, consegue manter viva, as tradições de sua cultura, que se pereniza ao longo de gerações.

O próprio surgimento da Associação dos agricultores familiares quilombolas, do quilombo Jenipapo fundada em 3 de novembro de 2005, mistura-se com a história do surgimento dos quilombos em Caxias, pois esta trata-se da primeira comunidade quilombola certificada no município. Ressalta-se que esse segmento de associações quilombolas em torno de um ideal em comum é bastante articulado, e muitas, assim como esta surgiram do contato com a Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão (*ACONERUQ*).

Para Sousa e Brustolin (2018), atribuir a representatividade das comunidades remanescentes de quilombos maranhenses, apenas à *ACONERUQ*, num estado com muitas comunidades quilombolas, é impossível, pois torna-se inviável atender o interesse e a pluralidade de grupos tão distintos. Ademais, antepondo-se aos interesses dos membros de outras associações e graças a ocupações a órgãos públicos, surge em 2011 o Movimento Quilombola do Maranhão (*MOQUIBOM*), outra associação com bastante representatividade no Estado e que atua diretamente em defesa dos direitos das comunidades remanescentes de quilombo do estado. As comunidades quilombolas são formadas por negros, descendentes de pessoas que foram escravizadas e que se organizaram em quilombos, espaços que possibilitam a expressão de seus valores e práticas tradicionais, com base na ancestralidade escrava e africana. Configuram-se em uma das expressões de resistência à história de exclusão social sofrida pelos negros no Brasil (Bennett, 2010).

As manifestações culturais do “povo do Jenipapo” foram expressas por diferentes tipos de danças, estas de origem africana, brasileira ou tipicamente maranhense: o tambor de Crioula, bumba meu boi, cantigas de roda, dança do Lili e quadrilhas juninas. Essas representações são fortemente retratadas, pelos moradores mais idosos, pois, os festejos populares são tradicionais em reunir, em um mesmo ambiente, diferentes pessoas, de diferentes classes, sem distinção, além de retratar a memória e manter vivo o pertencimento de quem são.

No relato dos quilombolas, foi possível constatar que essas manifestações culturais estão se perdendo com o passar do tempo e que os jovens quilombolas ou os responsáveis pelas políticas públicas em cultura, não têm interesse em mantê-las:

Entrevistado 1, 75 anos: “Agora “nois” não dança muito porque os “tambô” estão antigos e se rasgando, os “menino” novo tem é vergonha de nossa dança e os de fora diz que é coisa de macumba, sendo que não é”.

Consoante a isso, os moradores mais antigos do quilombo, relatam com certa nostalgia, um passado de festas, danças e de reuniões capazes de reunir membros de várias comunidades de seu entorno, e em confraternização com os costumes que herdaram dos antepassados.

Para Borrarho (2006), não é possível se precisar, porque “o boi” é brincado em alguns estados do Nordeste em época natalícia, e no Maranhão e Região Norte, a brincadeira é difundida na época junina. Ainda na concepção do autor, a trajetória do folgado, no estado do Maranhão se seguiu o caminho do gado, em séculos passados. No trajeto do rio Parnaíba, sobram resquícios de um reisado (Careta de Caxias) e um bumba-meu-boi (em Buriti Bravo), próximos à comunidade quilombo jenipapo, parte do imaginário poético desse povo.

As pessoas idosas, nas comunidades quilombolas, são consideradas as fontes de cultura, pois transmitem valores e/ou conhecimentos ancestrais e tradições para as futuras gerações, e a negação desse conhecimento, produz uma violência às suas identidades, que marca profundamente a subjetividade dos atores sociais envolvidos no processo (Grossi et al., 2018).

As manifestações que ainda permanecem vivas entre os moradores mais jovens são as quadrilhas juninas e dança do Lili, uma expressão folclórica tipicamente caxiense. A dança do Lili surgiu em 1985, fundada pelo produtor cultural Raimundo Nonato da Silva, conhecido como Pelé, inicialmente dançada em época de semana santa, apenas na zona rural de Caxias. As músicas e a coreografia foram criadas a partir de elementos típicos da zona rural do município, como a ação das quebradeiras de coco babaçu e o trabalho dos lavradores, elementos da natureza, movimentos de animais silvestres e utensílios utilizados no cotidiano, como pilões e peneiras.

Essa tradição vem sendo incorporada à cultura dos pequenos quilombolas e repassada de pai para filho, e as crianças da comunidade Jenipapo ensaiam e se apresentam em eventos locais do quilombo, contudo sentem a falta de investimentos e/ou políticas públicas que valorizem a cultura local, pois necessitam de vestimentas e equipamentos, que foram incorporados à dança com o passar do tempo (Figura 2).

Figura 2: Grupo de apresentação da dança do Lili, na zona rural do município de Caxias - Maranhão.



Fonte: Sousa (2021).

Posteriormente, a dança do Lili chegava à zona urbana de Caxias se popularizando e incorporando novos elementos e vestimentas coloridas que lembram a vida e os costumes do homem do campo (Sousa, 2014). Ressalta-se que em tempos de festas juninas, encontros de folguedos e outras festas populares, o Caxiense divulga sua dança por todo o estado do Maranhão, disseminando assim a cultura da zona rural do município (Figura 3).

Figura 3: Integrantes do grupo de apresentação da dança do Lili e seu fundador, em apresentação na zona urbana do município de Caxias: A- Dançarinos com trajes típicos incorporados à dança; B- Apresentação do corpo de dança em época de festividades.



Fonte: Sousa (2021).

Ribeiro et al. (2018), explorando a cultura quilombola no estado do Piauí, relatam que no quilombo Mimbó em Amarante, historicamente conhecido como o primeiro quilombo piauiense, possui atualmente quatro manifestações artísticas/culturais: o Pagode e Espetáculo do Mimbó, o Terreiro e os Festejos de Nossa Senhora da Saúde, sendo o primeiro, o mais tradicional e advindo de tradições herdadas de escravos refugiados, ressaltando a sua persistência em manter vivas suas tradições ancestrais. Na concepção de Macêdo et al. (2020), as crenças e superstições também são elementos constituintes do sistema cultural quilombola, pois esses apropriam-se dos recursos naturais, com uma relação sagrada, de respeito e até mesmo de submissão.

A sabedoria local proporciona o conhecimento diversificado das formas de manejo e assimilação dos recursos naturais pelas sociedades tradicionais, bem como as práticas sociais e a dimensão do pensamento humano que oferecem sentido ao modo de vida dessas populações (Toledo & Barrera-Bassols, 2009).

Os moradores da comunidade quilombo Jenipapo, têm uma forma própria de lidar com as mudanças das estações do ano, ouvindo “as vozes da natureza”, como canto de pássaros ou ruídos do vento, o cheiro da chuva ou até mesmo a migração de animais. A obediência às mudanças de fases da lua é importante na segurança alimentar desses povos, pois a plantação e colheita de alimentos ou produtos comercializados, é realizada em fases da lua previamente identificadas e esse conhecimento disseminado ao longo das gerações. Nos achados de Santos e Carvalho (2021), camponeses que obedecem às fases da lua, garantem de melhores rendimentos no campo, na colheita e na produção de animais. Berkes et al. (1995), reportaram a importância do conhecimento tradicional local como complemento da ecologia científica.

Entrevistada 17, 32 anos: Quando tá tirando azeite, não pode ouvir grito alto e nem “zuada”, porque, se não, o azeite não rende. Também não pode fazer em certos dias da lua, porque ele não dá nada, essa lua que “nois” tamo hoje, que tá no meio do céu (lua cheia), ainda dá de tirar e aumenta muito o tanto (quantidade) do azeite.

Crenças e superstições também estão presentes no Quilombo dos Macacos em São Miguel do Tapuio/PI, uma delas é que existem dois dias, impróprios para o trabalho, chamados de “aziague” (azarados ou dias de azar), correspondentes à

primeira segunda-feira dos meses de abril e agosto, pois nesses dias os moradores acreditam que existe uma grande probabilidade de acidentes de trabalho ou morte de trabalhadores (Viera et al., 2008).

Os padroeiros locais são Santa Rita de Cássia e São Benedito. São Benedito dos Pretos, como é chamado pelos quilombolas, é visto como um santo negro e descendente de africanos escravizados, mostrando a forte ligação que essas populações tem com seus ancestrais. São Cosme e São Damião também são cultuados como protetores das crianças, e que essas devem receber doces de em comemoração aos seu dia.

Na comunidade quilombola Custaneira/Tronco, no vizinho estado do Piauí, Macêdo et al. (2020) constataram uma relação não dualista, e harmônica entre os frequentadores de terreiros de umbanda e templos católicos. O tradicional “festejo da farinha” em homenagem à Santa Luzia é realizado anualmente no segundo sábado do mês de dezembro na comunidade quilombola, “Piqui” da Rampa, no município maranhense de Vargem Grande (Nascimento; Gomes & Fé, 2021), destacando a grande religiosidade presente nessas comunidades.

No que concerne à religião, a maioria dos membros da comunidade Quilombo Jenipapo, apresenta-se como pertencente ao catolicismo, participando de missas anuais nos templos religiosos existentes em seu território (Figura 4). O Vigário Geral da Diocese de Caxias, Padre Raimundo Nonato Rios, popularmente conhecido como Padre Rios, é o sacerdote que realiza essas celebrações, confissões e batismo.

Figura 4: Templos religiosos da Comunidade Quilombo Jenipapo em Caxias - Ma: A- Capela de Santa Rita de Cássia; B- Capela de São Benedito.



Fonte: Melo (2021).

Contudo os mesmos moradores que frequentam missas, batizam os filhos na igreja ou cultuam santos, também fazem uso de benzimentos espirituais para a cura de dores físicas, emocionais ou até mesmo no manejo de inimigos naturais ou pragas de lavouras. Alguns moradores relataram que ouvem vozes de espíritos e que têm pressentimentos sobre algo que está prestes a acontecer, de natureza boa ou não. A presença de rituais que invocam a presença do sagrado, de divindades e outros elementos da cultura africana são bem presentes na cultura local, como benzeções e arrumações de diversas naturezas.

Entrevistado 42, 85 anos: Pulgão dá no arroz e quando dá, o arroz não presta porque eles comem o palmito embaixo e não dá cacho. Para espantar o pulgão tem que chamar um rezador para espantar, porque se não rezar, eles não saem, não adianta botar veneno.

Essa relação com o sagrado/ divino foi reportado por autores como: Ferretti (2013), Ahlert (2016) e Santos (2021), e que relataram a forte relação com o “encantado”, presente em comunidades rurais maranhenses, além de sua relação com os seres humanos e não humanos. Corroborando, Lourenço e da Silva (2016), constataram isso na cosmologia em comunidade

quilombola, na Chapada dos Guimarães/BA, onde os moradores associam ao seu território a uma cosmologia feita de santos e seres não humanos, tais como: boitatá, troá, curupira e lobisomem. Constataram, também, a presença de “benzeções” e “arrumações”, direcionadas a atingir os corpos dos humanos, animais e vegetais presentes em seu território.

Ainda na concepção dos autores, as entidades, são capazes de interceder nas relações entre os seres humanos e as resoluções dos seus problemas. Para Fausto (2002), em território Amazônico, os Xamãs, favorecem a caça e a fertilidade por meio de cantos e da captura espíritos de animais e guerreiros, além de realizar rituais para capturar os espíritos de inimigos. Para Bernardi e Castilho (2016), a importância do sagrado para a formação e desenvolvimento das sociedades, vem sendo discutido na modernidade.

Diversos quilombolas relatam que a presença de espíritos da floresta, que podem ser sentidos pela forma como os sons da natureza se apresentam, um deles é “encantamento do guizo da cascavel”, o som emitido pelo movimento do chocalho da cobra pode indicar o caminho dos espíritos na mata. Outros acreditam que após a morte da cobra, deve-se colocar objeto, como forma de amuleto, para livrar as residências desses espíritos ou do “mau olhado”.

Para Turner (2005), o povo Ndembu no noroeste da Zâmbia, no centro-sul da África, associaram a falta de sorte na caça, infertilidade feminina e problemas de saúde de diversa natureza, aos espíritos dos mortos. Contudo, quando algum membro da comunidade é “apanhado” por tal espírito, ele ou ela se torna o objeto de um ritual, capaz de eliminar o espírito que está causando o problema.

Para Viveiros de Castro (2012), o corpo não se restringe apenas à matéria viva e palpável, o autor ressalta que espírito é um mecanismo capaz de diferenciar as categorias de seres humanos e não humanos.

Entrevistada 27, 47 anos: “Aqui tá cheio de cobra, esses tempos, porque o fazendeiro mandou benzer a quinta dele e aí “elas veio” tudo pra cá. Ela não tem medo do veneno mais tem medo da reza que o benzedor bota, “elas sabe” que se ficar lá morre “tudim”, só das forças do benzimento.

O fogo, um dos quatro elementos básicos da natureza, tem importância relevante na vida desses quilombolas, pois além de sua utilização para cozinhar ou aquecer alimentos, seu uso é relatado em rituais de preparo do solo, para receber o plantio de alimentos em roças ou lavouras:

Entrevistada 10, 65 anos: Quando taca fogo na mata, chama São Lorenzo, que é protetor do vento para o fogo pegar. Tem que dar uns gritinhos para o Santo para o fogo pegar logo.

O simples fato do uso do fogo no cozimento de um alimento já é considerado um forte elemento da cultura de um povo (Lévi-Strauss, 2021). Essa fala do manejo com o fogo na mata fechada, ressalta a interação dos moradores com as diferentes formas de tratamento com a fauna, flora, fenômenos ambientais e também com os rituais “sabidamente” utilizados em seu manejo. As chuvas fortes e tempestades também têm forte relação no cotidiano desses quilombolas, baseadas em ritos que se norteiam na crença dessas pessoas.

No conhecimento de alguns moradores mais idosos, existe uma superstição de que se a pessoa for atingida por um raio, por estar no “meio da mata”, no momento de uma tempestade, ela deve ser enterrada totalmente, restando apenas a cabeça para fora, especificamente a boca e o nariz, para não ficar com sequelas físicas ou psicológicas. Segundo eles, a “energia da cura” se retira da terra, pois ela manda todas as vibrações para que o corpo “se liberte” da descarga elétrica.

Para muitos quilombolas, o uivo persistente ou ruídos dessa natureza de cães domésticos durante a noite é uma forma de “agourar” o tutor do animal ou avisá-lo que a sua morte está próxima. O som de uma coruja, conhecida como “rasga-mortalha” no céu, tem efeito semelhante no futuro de quem ouve.

Entrevistada 13, 78 anos: Essa noite a morte passou rondando aqui na comunidade, veio buscar alguém, não sei quem foi...

Nesse dia a comunidade foi avisada de algum evento. A forma como isso ocorre é com a queima de fogos de artifícios, também usados em festividades, eventos religiosos, ou simplesmente para lembrar algum compromisso, previamente agendado. Nesse dia os barulhos dos fogos eram para avisar que um morador idoso, tivera um infarto, durante a madrugada e faleceu, ou seja, a presença da morte foi sentida e “senhora morte” realmente foi buscar alguém (grifo nosso).

Esses arranjos cosmológicos baseados na simbologia, vão de encontro às crenças incorporadas de geração em geração, revelando identidades e na mensuração dessas simbologias revelam-se todas as identidades negras por traz dessas narrativas. Essas práticas, geralmente estão sob a custódia de pessoas idosas dentro de determinados grupos, portanto, existe uma necessidade de educar e sensibilizar a geração mais jovem sobre o potencial e a importância de conservar esses saberes, perpetuando o conhecimento entre as gerações.

Entrevistada 7, 75 anos: “esse ano de 2020, a chuva vai ser diferente, porque é bissexto, em 2016 a chuva também foi diferente, “chuvia” muito e outros dias nada. Não é bom pros “ligume”. Quando chove muito os “ligume” não dá e outros ficam pubado, só serve de comer pros bichos.

Mediante observações diretas e conhecimento, adquirido horizontal e/ou verticalmente, eles percebem também as mudanças climáticas que ocorrem em seu meio, tem preocupação com a fartura na colheita e contaminação do solo e dos outros recursos naturais, além de garantia de segurança alimentar. O quilombola herdou isso dos seus antepassados escravizados ou livres, o dom de ficar, persistir, fato que transcende o conceito de anacronismo geracional, assim conseguem compreender que as mudanças climáticas globais são capazes de alterar o curso de suas vidas. Hoje, tanto cientistas, gestores e líderes internacionais, concordam com o papel das comunidades tradicionais, dentro do ecossistema, tanto na gestão da biodiversidade, serviços ecossistêmicos e na contribuição da natureza na vida das pessoas (Gadgil, Berkes & Folke, 2021).

Em respeito a esses conhecimentos ancestrais, destaca-se a admiração do povo preto, ao contexto histórico do quilombo de Palmares e seu líder zumbi. A comemoração do dia da Consciência Negra, 20 de novembro, é bem forte em comunidades remanescentes de quilombo no estado do Maranhão, alusão aos feitos de Zumbi dos Palmares e Negro Cosme, considerado o herói da revolta da Balaiada, ocorrida na então província do Maranhão, entre os anos de 1838 a 1841. Os quilombolas mais idosos contam que seus ancestrais tinham verdadeira adoração por Cosme, que apesar de ter nascido livre, se preocupava com os irmãos que ainda viviam escravizados, sofrendo açoites e castigos, essa comemoração é fruto de um árduo trabalho de todos envolvidos com a cultura local.

Entrevistado 42, 63 anos: em algumas comunidades de Matões, se bate tambor, quando está feliz ou triste...tem rezador, curandeiro, candomblé, bruxo, pastor e todos se respeitam. E nós sofre preconceito, o povo chama de “sem terra”, preto, “nêgo”.

A formação da cultura do ser, está aliada à construção do lugar onde ele habita, incorporadas às influências que receberam dos seus antepassados, delimitando o individual e social. Contudo, pode ser construído com os demais atores envolvidos no processo com base em laços de sangue e de afinidade (Dalmaso, 2018). Ainda na concepção da autora, o simples fato de cozinhar alimentos no mesmo forno, cria relações familiares, e essas incluem os espíritos dos antepassados, que continuam presentes em seu território, assim como a todos os seus descendentes.

No relato dos moradores mais idosos, as tradições seculares dos negros escravizados, estão caindo no esquecimento e seus conhecimentos estão desacreditados, mas, eles ainda guardam uma maneira peculiar de realização de rituais de cura, por meio de banhos e benzimentos, demonstrando o caráter holístico do conhecimento vertical adquiridos por eles, contudo Douglas (1966), ressaltou que cada cultura é um universo, sujeito a represálias e repressões.

Entrevistado 1, 75 anos: “O povo mais novo não dá valor ao que nós daqui fala, somente quando vem um dotô de fora eles ouve.” Se vem um dotô, um político e conta uma estória bonita aí eles acredita.

Na visão do quilombola, o conhecimento exógeno está sendo facilmente difundido na comunidade e é capaz de influenciar o modo de pensar das novas gerações. Para Grossi et al. (2021), as pessoas idosas, nas comunidades quilombolas, são consideradas as guardiãs da cultura, pois são os transmissores de valores, conhecimentos e tradições para as futuras gerações. Ainda segundo os autores, a negação dessa história, produz uma violência simbólica, invisibilizada e silenciosa, mas que deixa marcas profundas na subjetividade dos sujeitos sociais.

As populações quilombolas contemporâneas são em sua maioria rurais e apresentam como atividades produtivas, majoritariamente, a agricultura e a criação de animais de pequeno porte. Alguns poucos territórios quilombolas, no entanto, se localizam em áreas urbanas (Soares, 2018).

Muitos atores sociais que vivem em comunidades remanescente de quilombos sentem um processo de “aculturação negra” permanente, para adaptar-se a uma sociedade majoritariamente branca e que impõem padrões de beleza e comportamento fazendo com esses se sintam inferiorizados e à margem da sociedade, cessando-lhes o direito de isonomia. As cosmovisões africanas e indígenas foram ignoradas por muito tempo nos espaços oficiais de ensino, dando lugar a um ensino majoritariamente de uma cultura branca, eurocêntrica e colonizadora (Assunção et al., 2020).

Um traço muito forte e de herança africana presente na comunidade quilombo Jenipapo é a presença de figuras maternas, que ajudam uns aos outros no manejo com roças e hortas, criação dos filhos e netos, e em afazeres domésticos. Para o homem do campo: mãe não é somente a uterina, mais outras mulheres da comunidade, fortificando aí o conceito de “gestar pessoas”, no sentido de “fazer a cabeça”, colocar para frente.

Neste sentido, para Matos et al. (2020), a natureza de sua ocupação, por vezes, conduz estas mulheres à decadência em relação ao “cuidar de si”, já que relatam que descuidam de si mesmas, apesar de reconhecerem a importância de tal ação para dar continuidade a seus afazeres e atividades cotidianas.

Na concepção de Prates et al. (2018), o cuidado em relação à saúde, de mulheres quilombolas relacionou-se com as tarefas desenvolvidas por elas no cotidiano e relaciona-se a possibilidade de produzir e contribuir dentro do contexto familiar ou comunitário. Para Grossi, Oliveira e Oliveira (2018), as violações de direitos conquistados pelas mulheres quilombolas e suas famílias, evidenciadas em indicadores de vulnerabilidade social, econômicos e de saúde, possuem uma dimensão estrutural, além da luta pelo território e certificação da terra conquistado, e ainda evidencia que essas mulheres vivenciam opressões de diversos eixos como: gênero, raça, etnia, geração e classe social.

Esse *devoir*, exige que a mulher desempenhe um papel de líder em sua comunidade, uma vez que são elas que mobilizam, articulam e organizam “o fazer” e “o agir”, símbolo da resistência dessa comunidade quilombola, além de ser a

referência no âmbito familiar e coletivo. Logo, são elas que se envolvem nos enfrentamentos locais e que buscam solucionar os problemas que surgem, afetando diretamente, o seu modo de vida (Matos et al., 2020).

A capacidade de resiliência do povo quilombola é um traço muito forte de sua personalidade. Homens e mulheres pretas das comunidades quilombolas, Brasil afora, têm em seus corpos uma grande capacidade de união e em seu sangue corre uma herança de luta e sobrevivência. Para o velho quilombola sobreviver é questão de honra:

Entrevistado 28, 70 anos: Todos que tentaram conseguiram, se não conseguiram é porque não tentaram. Tem que ficar na terra onde tem raiz e tentar.

Entrevistado 4, 75 anos: “Em 1915, na grande seca, meu avô tinha 11 anos e já tinha muito conhecimento de tudo, porque “os pai” dele foram escravo, ele comia a *crueira**, para não morrer de fome, porque eles ficou livre, mais ficou sem nada na vida.

Não se levou em consideração que esses homens e mulheres ao serem arrancados de suas pátrias, distanciaram-se de seus irmãos de sangue ou não, foram traficados, vendidos e afastados de toda à sua descendência familiar ou se deus grupos culturais. Essa dívida nunca foi e nem nunca será capaz de ser paga, pois, é impossível unir novamente um grupo culturalmente próximo. Faça-se o que deve ser feito: deixe o negro cultivar suas tradições e manter seus costumes, pois eles são de descendência de reis, cientistas, astrônomos e astrólogos e não simplesmente de escravos, como se conta nos livros de história, um verdadeiro desserviço à cultura e/ou a memória do Brasil, contudo as narrativas registradas, nesse trabalho ressaltam que as tradições e saberes do povo do quilombo Jenipapo, continuam se perpetuando entre gerações e sendo transmitidas de pai para filho.

4. Considerações Finais

Crenças e superstições também fazem parte do imaginário e/ou rotina do povo do quilombo Jenipapo e intimamente ligadas com as relações desses com natureza. O respeito as fases da lua nas atividades cotidianas, fazem parte dessa cosmovisão. A presença de benzimentos, banhos de ervas ou conhecimento de espíritos da floresta também estão inseridos nesse contexto e constatou-se aos atores sociais, envolvidos no processo, mantem um respeito nas relações com o sagrado e santos da igreja católica, mas que respeito à rituais de cura e aos seres e vozes que vem da mata.

O resgate de rodas de samba, *tambô* de crioula e outras manifestações culturais, além de métodos de cura espiritual e benzimentos em propriedades rurais e residências, é ponto principal para que esses atores sociais, sintam-se dentro de um território “quilombola” que abriga os conhecimentos dos seus antepassados escravizados e que não sejam vítimas de uma aculturação constante, que assola as comunidades de povos tradicionais.

Recomenda-se, conseqüentemente, a elaboração de novos estudos que objetivem aprofundar a relação entre crenças, religiosidade e aspectos culturais das comunidades quilombolas Maranhenses, ressaltando a presença do “encantado” na organização das festas religiosas e datas comemorativas no Estado. Outrossim, esses novos estudos podem valorizar as ações afirmativas visando políticas públicas, que representem o modo de vida quilombola, desmistificando o caráter depreciativo das coisas “invisíveis” da natureza. Ressalta-se que podem ser realizadas pesquisas de natureza etnográfica e ou etnobotânica como o levantamento de plantas místicas e/ou medicinais, utilizadas em comunidades quilombolas maranhenses.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao Fotógrafo Davi e aos integrantes do grupo folclórico Dança do Lili.

Ao Padre Rios, pelo apoio durante as celebrações religiosas.

Especialmente aos integrantes da Comunidade Quilombo Jenipapo, em Caxias, Maranhão.

Referências

- Albuquerque, U. P. D., & Andrade, L. D. H. C. (2002). Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, 16, 273-285.
- Ahlert, M. (2016). Carregado em saia de encantado: transformação e pessoa no terecô de Codó (Maranhão, Brasil). *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 20(2), 275-294.
- Assunção, A. V. L. L., Martins, M. C., Marques, W. R., Costa, R. C., Cutrim, D. S. P., & Lobato, J. J. S. (2020). Estudo de História e Cultura Africana no ensino de Arte em uma escola quilombola maranhense: análise de experiências. *Brazilian Journal of Development*, 6(10), 75904-75922.
- Begossi, A., Lopes, P. F., & de Oliveira, L. E. C. (2009). *Ecologia de pescadores artesanais da Baía de Ilha Grande*. IBIO/Ministério da Justiça. Apoio: Capesca: Preac/CIS-Guanabara/Lepac/CMU [UNICAMP] & IDRC, Canadá. Rio de Janeiro, 123p.
- Bennett, M. (2010). Os quilombolas e a resistência. *Revista Palmares, Cultura Afro-Brasileira*, 6(6), 28-35.
- Berkes, F., Folke, C., & Gadgil, M. (1994). Traditional ecological knowledge, biodiversity, resilience and sustainability. In *Biodiversity conservation* (pp. 269-287). Springer, Dordrecht.
- Bernard, H. R. (1988). *Research in cultural anthropology*. Newbury Park: AltaMira Press. 520 p.
- Bernardi, C. J., & Castilho, M. A. D. (2016). A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. *Interações (Campo Grande)*, 17, 745-756.
- Borrhalho, T. (2006). Os elementos animados no Bumba-meu-boi do Maranhão. *Móin-Móin-Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*, 1(02), 156-178.
- Castro, E. V. D. (2012). Transformação” na antropologia, transformação da “antropologia. *Mana*, 18(1), 151-171.
- Cunha, M. C. (2009). *Cultura com aspas*. Ubu Editora LTDA - ME. 440 p.
- Dalmaso, F. (2018). Heranças de família: terras, pessoas e espíritos no sul do Haiti. *Mana*, 24, 96-123.
- Douglas, M. (1966). *Pureza e perigo: ensaios sobre sujeira e tabu*. Lisboa, 70 Ed. 136p.
- Fausto, C. (2002). Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. *Mana*, 8(2), 7-44.
- Ferretti, S. F. (2013). Encantaria maranhense de Dom Sebastião. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1(01), 262-285.
- Gadgil, M., Berkes, F., & Folke, C. (2021). Indigenous knowledge: From local to global. *Ambio*, 50(5), 967-969.
- Grossi, P. K., Oliveira, S. B. de, & Oliveira, J. da L. (2018). Mulheres Quilombolas, Violência E As Interseccionalidades De Gênero, Etnia, Classe Social E Geração. *Revista De Políticas Públicas*, 22, 929-948. Recuperado de <http://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/9825>
- Fundação Cultural Palmares (2022). *Quadro geral de comunidades remanescentes de quilombos (CRQS)*. Recuperado de <http://www.palmares.gov.br/>
- Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (2021). [http:// http://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/caxias/panorama](http://http://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/caxias/panorama)
- Leff, E. (2000). *Ecologia, capital e cultural: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Edifurb.123p.
- Lévi-Strauss, C. (2021). *O cru e o cozido* (Vol. 1). Editora: Zahar. 512 p.
- Lourenço, S. R., & da Silva, D. K. P. (2016). Uma análise antropológica sobre a cosmologia da Comunidade quilombola de Lagoinha de Cima: entre santos, "arrumações" e seres não-humanos. *ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 3(6), 71.
- Macêdo, E. M., Batista, M. L. P., Figueiredo, L. S., & de Barros, R. F. M. (2020). Elementos sociais, econômicos e culturais constitutivos de uma comunidade quilombola no Nordeste do Brasil. *Research, Society and Development*, 9 (11).
- Malinowski, B. K. (1978). Os pensadores: Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. *Abril Cultural, São Paulo*.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5a ed.), Atlas.
- Matos, L. R., Pacheco, Z. M. L., Pinheiro, R., & Almeida, G. B. S. (2020). O desvelar do cuidar de si da mulher quilombola/ Unveiling the self-care of the quilombola woman. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 19. [http:// https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v19i0.49037](http://https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v19i0.49037)
- Morais, I. R. D., Lopes, W. C., & Dantas, E. M. (2015). Cultura e espaço: das práticas festivas, o enredo do lugar. *HOLOS*, 6, 532-543.
- Nascimento, J. E., Gomes, J. M. A., & Fé, E. G. M. (2021). Fundo rotativo solidário do quilombo maranhense Piqui da Rampa: instrumento de finança solidária e autogestão. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 17(1).

Prates, L. A., Possati, A. B., Timm, M. S., Cremonese, L., Oliveira, G., & Ressel, L. B. (2018). Meanings of Health Care Assigned by Quilombola Women/Significados Atribuídos por Mulheres Quilombolas ao Cuidado à Saúde. *RPCFO*, 10(3), 847-855.

Soares, I. P. (2018). Conflitos socioambientais e a ameaça ao processo de demarcação de terras quilombolas no Brasil. *Revista de Políticas Públicas*, 22(2), 687-709.

Santos C., R., & Carvalho, D. F. (2021). Os conhecimentos tradicionais sobre a lua na comunidade jardim: reconhecendo saberes para afirmar direitos. *Communitas*, 5(9), 365-378.

Ribeiro, K. V. , Nojoza, A. A, Barros, R. F. M. A Sétima maravilha do Piauí: arcabouço turístico e cultural do município de Amarante, Nordeste do Brasil. (2018). In: Soares, M. J. N., Dantas, J. O., Galvêncio, J. D., Gomes, L. J., & de Almeida, R. N. Rede *Prodema em ação nas Ciências Ambientais*, Aracaju: Criação p 342-365.

de Sousa, I. T. S., & Brustolin, C. (2018). Quilombos na cena política: os experimentos organizativos do Maranhão-Brasil. *PerCursos*, 19(39), 28-49.

Sousa, F. A. O. (2014). *A dança do Lili: cultura popular em Caxias – MA, nos anos 2000 a 2013* / Francisca Augusta Oliveira Sousa. FAMEP.

Toledo, V. M. M., & Barrera-Bassols, N. (2009). A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 20.

Turner, V. (2005). *Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu*. Niterói: EDUFF, Dramas, Campos e Metáforas. 278p.

Vieira, F. J., Santos, L. G. P., Barros, R. F. M., & Araújo, J. L. L. (2008). Quilombola of Macacos Community, São Miguel do Tapuio City, Piauí State: history, use and conservation of plant resources. *Functional Ecosystems and Communities*, 2, 81-87.